

A EXPRESSÃO LITERÁRIA DE UM SENTIDO ÉTICO DA EXISTÊNCIA NO ÚLTIMO ROMANCE DE JOSÉ SARAMAGO

THE LITERARY EXPRESSION OF AN ETHICAL SENSE OF EXISTENCE IN JOSÉ SARAMAGO'S LATEST NOVEL

Bianca Rosina Mattia^{1}*

RESUMO:

Ao priorizar o ser humano, José Saramago empreendeu em sua literatura, não dissociada da vida de cidadão, a expressão de uma humanidade ainda em construção. No desassossego em que dizia viver diante da degradante condição humana no mundo, transferiu aos seus leitores sua inquietação por meio das tantas histórias e personagens que criou. Recusando-se à apatia e à indiferença, mostrou-se incansável nas intervenções públicas e na criação ficcional. Manifestou sua preocupação com a perda de um sentido ético da existência e afirmou a necessidade de exprimi-lo em sua literatura. Neste trabalho, busco apresentar algumas reflexões acerca da experiência de vida da personagem de artur paz semedo, no romance *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*, a partir do conceito de *banalidade do mal* e das discussões que dele decorrem, especialmente o estudo de Frédéric Gros sobre a desobediência. A necessidade do pensamento reflexivo como fuga à banalidade do mal mostra-se imperativo para um sentido ético da vida e também emerge do romance para provocar e alertar os/as leitores/as à ética da responsabilidade.

Palavras-chave: Banalidade do mal. Ética. José Saramago. Literatura.

ABSTRACT

When prioritizing the human being, José Saramago undertook in his literature, not dissociated from the life of a citizen, the expression of a humanity still under construction. In the restlessness in which he said he lived in the face of the degrading human condition in the world, he transferred his concern to his readers through the many stories and characters he created. Refusing apathy and indifference, he proved tireless in public interventions and in fictional creation. He expressed his concern at the loss of an ethical sense of existence and affirmed the need to express it in his literature. In this work, I try to present some reflections about the life experience of artur paz semedo's character, in the novel *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*, based on the concept of the banality of evil and the discussions that result from it, especially the study of Frédéric Gros on disobedience. The need for reflective thinking as an escape from the banality of evil is imperative for an ethical sense of life and also emerges from the novel to provoke and alert readers to the ethics of responsibility.

Keywords: Banality of evil. Ethic. José Saramago. Literature.

1 * BIANCA ROSINA MATTIA é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com bolsa do CNPq. Mestre em Literatura Portuguesa com dissertação sobre José Saramago. Integra o grupo de pesquisa de Estudos feministas e pós-coloniais de narrativas da contemporaneidade (LITERATUAL/UFSC)



[...] a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele.
(Jean-Paul Sartre, *Que é a literatura?*, 2015 [1949])

Em 2014, já passados quatro anos do falecimento de José Saramago, nas dependências da Fábrica Braço de Prata, antiga fábrica de armamento bélico, onde atualmente abriga-se um centro de cultura em Lisboa, apresentou-se ao público a edição inédita do último romance do escritor: *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*. Ainda que sem mencionar o título, o trabalho que Saramago começara a empreender neste romance já havia sido anunciado pelo próprio autor durante o lançamento de *Caim*, em 2009². Nesta oportunidade, o escritor limitou-se a expor as inquietações que o levaram a dar início à história, dentre elas, a de por que nunca houve uma greve em uma fábrica de armas. Ao final, indagou em tom de alerta: “Faz-se aquilo que se pode contra a droga, está a fazer-se aquilo que se pode contra a Gripe A, e o que que se faz para proibir as armas? Nada.”³

Inacabado, o romance foi publicado contando os únicos três capítulos escritos por Saramago, além das suas anotações referentes à construção da história. Somaram-se, ainda, à edição, as ilustrações do escritor e artista plástico alemão Günter Grass e os textos do escritor e ensaísta espanhol Fernando Gómez Aguilera e do jornalista e escritor italiano Roberto Saviano. A edição brasileira também inclui um texto do cientista político Luiz Eduardo Soares. Tal composição editorial oportuniza uma possibilidade de leitura de *Alabardas* – a partir de uma análise dos paratextos editoriais do livro, bem como da postura assumida por Saramago de em sua vida não dissociar o escritor do cidadão, intervindo ativamente na sociedade – como livro-manifesto, um Manifesto pela Paz (AUTOR/A, ano).

O romance põe em cena a problemática da indústria armamentista e os conflitos éticos que daí decorrem por meio da história da personagem de Artur Paz Semedo, um modesto funcionário cumpridor de seu dever como tal em uma fábrica de armamento leve e munições, que se encontra separado da mulher, Felícia, uma pacifista convicta e a responsável por motivar Artur a investigar, nos arquivos da fábrica, se nos anos da Guerra Civil Espanhola foram vendidos armamentos aos fascistas.

A história se circunscreve em torno da complexidade ética das questões acerca da fabricação e do comércio de armas e que retoma o percurso da década de 1930, marcado pelas guerras empreendidas pelos regimes totalitários de então para se fazer pensar os dias correntes. Já imerso nas profundidades do arquivo da fábrica, a tensão ética dá-se a ver quando o primeiro documento com o qual Artur se depara refere-se à Guerra do Chaco entre Bolívia e Paraguai: um recorte de jornal com informações sobre o conflito e um bilhete dobrado que ia junto da notícia. Neste, uma mensagem assinada pelo avô do atual administrador da fábrica contendo o pedido de que se obtivessem informações “[...] do conflito, principalmente a composição dos exércitos em confronto, efetivos de infantaria e artilharia, origem dos respectivos armamentos e seus

2 O vídeo pode ser acessado no Canal da Fundação José Saramago, no *Youtube*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nw5xLwWbZTw>.

3 Transcrição minha diretamente do vídeo mencionado na nota 1.

fornecedores, nomes das pessoas influentes que poderiam ser contatadas em ambos os países.” (SARAMAGO, 2014, p. 53). A passagem expõe a face perversa de um dos grandes negócios mobilizadores das maiores quantias de dinheiro no mundo: “as armas, mercadorias diretamente ligadas à violência, que transformaram a guerra, os conflitos e a insegurança pública em fontes estratégicas de lucro na economia transnacional.” (SOARES, 2014, p. 81).

Se na ficção construída por Saramago, as armas, sua produção e seu comércio, estiveram presentes num cenário bélico, na atual realidade do Brasil, elas se tornaram símbolo de uma campanha eleitoral com promessas de flexibilização das leis para a posse e o porte de armas, cujo avanço nas pesquisas do então candidato, entre o primeiro e o segundo turno das eleições, estamparam manchetes de jornais como esta: “Novos fabricantes de armas já se preparam para entrar no Brasil.”⁴ A simbologia das armas imprimiu-se no corpo do candidato e de muitos de seus eleitores; fez-se presente no momento de sua posse como o gesto símbolo do poder instaurado: “Gesto que o presidente eleito institui desde o carro oficial em seu desfile de posse, deslocando-o de uma insurgência para uma nova inscrição simbólica: agora e ali instituída – o dedo em arma desfila a céu aberto e assume a casa do poder maior do país – o Palácio da Alvorada.” (KIFFER, 2019, p. 36).

Em *Alabardas*, a complexidade ética do universo da produção e do uso das armas foi também explorada pelo escritor sob a perspectiva da atitude e responsabilidade humana frente a este cenário. Conforme escreve Fernando Gómez Aguilera no texto que integra a edição, a proposta de Saramago com *Alabardas*, contada por ele àqueles que lhe eram mais próximos, ainda que não se possa saber se chegaria a ser concretizada, “consistia em dissecar o paradoxo moral do funcionário exemplar de uma fábrica de armas, Artur Paz Semedo, capaz de se abstrair em sua rotina das consequências derivadas da sua disciplinada eficácia profissional.” (AGUILERA, 2014, p. 75). O que, ainda nas palavras de Aguilera, consistia em “construir sua [de Saramago] visão sobre a banalidade do mal, [...] uma exploração minuciosa da responsabilidade ética do sujeito, para consigo e para com a sociedade, derivada da sua atuação; [...]” (AGUILERA, 2014, p. 76-77).

A preocupação do escritor com as questões em torno da ética marca sobremaneira seu pensamento político e social. Uma preocupação especialmente com o que afirmou ser, e que se pode ler no *Último caderno de Lanzarote*: “a questão central do nosso tempo [...], a perda de um sentido ético da existência” (2018 [1998], p. 207). Mas esse desassossego não esteve apartado de sua literatura, ao contrário, imbricou-se a ela: a necessidade de pensar sobre uma existência ética por meio da expressão literária. Em suas palavras: “Percebi, nestes últimos anos, que ando

⁴ Publicada em 26 de outubro de 2018, dois dias antes do segundo turno das eleições presidenciais, a matéria do jornalista Marcos de Moura e Souza, para o jornal *Valor*, anunciava: “Empresas fabricantes de armas de fogo estão otimistas com relação a futuros negócios no Brasil. A razão é o favoritismo de Jair Bolsonaro (PSL) na eleição presidencial de domingo. Representantes no país de duas multinacionais de armamentos e de uma novata de capital nacional afirmam que uma vitória do candidato levará ao aquecimento da demanda por armas no Brasil e abrirá oportunidades para novas fábricas.” Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/coluna/novos-fabricantes-de-armas-ja-se-preparam-para-entrar-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2020.

procurando uma formulação da ética: quero exprimir, através dos meus livros, um sentimento ético da existência, e quero exprimi-lo literariamente.” (SARAMAGO, 2010 [1996], p. 113).

O romance, especialmente pelas personagens, na descrição de seus afazeres, características e atitudes, faz eco ao pensamento de Hannah Arendt (1999) acerca do que denominou *banalidade do mal* em seu relato do julgamento, em 1961, de Adolf Eichmann, funcionário do regime nazista e responsável por organizar a deportação de judeus para os campos de extermínio durante a 2ª Guerra Mundial. E daí reverbera toda uma literatura da Filosofia, a pensar, também, a ética. A filósofa brasileira Marica Tiburi (2014), a quem voltarei à frente, apresenta uma reflexão a partir da pessoa de Eichmann para que se possa refletir sobre aquela que coloca como a primeira pergunta para uma construção ética de nós mesmos: “*Como nos tornamos o que somos?*” (2014, p. 34, grifos no original).

Nesse rumo, proponho pensar acerca de um sentido ético da existência na literatura de Saramago a partir da leitura de *Albardas*. Para tanto, anco-me em algumas reflexões filosóficas da ética, elaboradas a partir da pessoa de Eichmann e do relato de seu julgamento para, assim, percorrer a experiência de vida da personagem de artur paz semedo. A singularidade da experiência da personagem, dada a viver pela literatura (TODOROV, 2016), no encontro nunca passivo do leitor com o autor, abre uma possibilidade de encontro também com a vontade expressa por Saramago de um resgate do sentimento ético da humanidade.

Ponho-me a percorrer a experiência de vida da personagem de artur paz semedo pelas reflexões do filósofo francês Frédéric Gros (2018) em seu livro *Desobedecer*. A escolha, dentre outras, arrazoa-se também nas inquietações que motivaram Saramago a escrever *Albardas*. Foram, como mencionei inicialmente, apontadas pelo próprio autor em 2009, mas se encontram ainda nas anotações que seguem aos três capítulos do romance: a preocupação acerca da inexistência de uma greve numa fábrica de armas e um início de história inspirado no episódio de sabotagem de uma bomba durante a Guerra Civil Espanhola, que suspeitara ter lido em *L’Espoir*, romance de André Malraux. Ainda nas anotações, Saramago (2014 [2009]) confirma o equívoco quanto à referência a Malraux, mas, para o seu objetivo, satisfaz-se com a menção “(brevíssima) a operários de Milão fuzilados por terem sabotado obuses” (SARAMAGO, 2014 [2009], p. 60), feita por Malraux naquele mesmo romance.

A desobediência proposta por Gros (2018) problematiza-se pela inquietação do filósofo em perceber uma aceitação do mundo em seu atual estado catastrófico, com inúmeras razões que deveriam suscitar a desobediência, limitando-se a citar apenas três delas: “o aprofundamento das injustiças sociais, das desigualdades de fortuna”; “a degradação progressiva do meio ambiente”; “o processo contemporâneo de criação das riquezas” (GROS, 2018, p. 10-14). A pergunta que enseja as reflexões apresentadas no livro se elabora no desejo de “compreender, interrogando as condições éticas do sujeito político, por que é tão fácil chegar a um acordo sobre o desespero da ordem atual do mundo, mas tão difícil desobedecer-lhe.” (2018, p. 18). A questão da desobediência analisada por Gros (2018), contudo, é pensada

a partir da questão da obediência, posto que a desobediência, ante o absurdo, a irracionalidade do mundo em seu estado atual, é a evidência. Ela exige poucas explicações. Por que desobedecer? Basta abrir os olhos. A desobediência é mesmo a tal ponto justificada, normal, natural, que o que choca é a ausência de reação, a passividade. (GROS, 2018, p. 16, grifos no original).

Historicamente relacionadas entre si, uma vez que ambas têm origem na luta da classe trabalhadora por melhores condições, a greve e a sabotagem, na medida em que rompem as barreiras de uma obediência cega, de uma atitude resignada perante ordens superiores, diante de uma condição humana degradante, podem ser pensadas como exemplos da desobediência proposta por Gros (2018, p. 17): a que se faz “declaração de humanidade”. Uma desobediência, portanto, não distante da que propunha Saramago por meio da literatura aos seus leitores, pela inquietação e provocação às nossas consciências; um escritor avesso àquela sabedoria de quem vê o mundo como mero espectador, e cujo “propósito último se traduzia em humanizar a vida.” (AGUILERA, 2010, p. 109). Em *Alabardas*, Saramago continuou a investigar a condição humana, seus conflitos éticos, e a necessidade de se insurgir contra a desumanização da vida.

Convém, então, a descrição da personagem de artur paz semedo:

[...] há que se dizer que o sonho da sua vida profissional é vir a ser nomeado responsável pela faturação de uma das seções de armas pesadas em vez da miuçalha das munições para material ligeiro que tem sido, até agora, a sua quase exclusiva área de trabalho. Os efeitos psicológicos desta entranhada e não satisfeita ambição intensificam-se até à ansiedade nas ocasiões em que a administração da fábrica apresenta novos modelos e leva os empregados a visitar o campo de provas, [...] Contemplar aquelas reluzentes peças de artilharia de variados calibres, aqueles canhões antiaéreos, aquelas metralhadoras pesadas, aqueles morteiros de goela aberta para o céu, aqueles torpedos, aquelas cargas de profundidade, aquelas lançadeiras de mísseis do tipo órgão de estaline, era o maior prazer que a vida lhe podia oferecer. [...] Tantas e tão fortes emoções quase faziam perder o conhecimento ao nosso homem. À beira do delíquio, pelo menos assim o cria ele, balbuciava, Água, por favor, deem-me água, e a água sempre aparecia, pois os colegas já iam de sobreaviso e imediatamente lhe acudiam. Aquilo era mais uma questão de nervos que outra coisa, artur paz semedo nunca chegou a desfalecer por completo. Como se está vendo, o sujeito em questão é um interessante exemplo das contradições entre o querer e o poder. Amante apaixonado das armas de fogo, jamais disparou um tiro, não é sequer caçador de fim de semana, e o exército, perante as suas evidentes carências físicas, não o quis nas fileiras. Se não trabalhasse na fábrica de armamento, o mais certo é que ainda hoje estivesse a viver, sem outras aspirações, com a sua pacifista felícia. Não se pense, no entanto, que se trata de um homem infeliz, amargado, desgostoso da vida. Pelo contrário. A estreia de um filme de guerra provoca-lhe um alvoroço quase infantil, é certo que nunca perfeitamente compensado, pois a ele tudo quanto vê lhe parece pouco, [...]. (SARAMAGO, 2014, p. 10-2).

A delineação cômica do perfil da personagem intensifica aquela que pode ser a principal das suas características: a mediocridade. Um funcionário vivamente deslumbrado pelo aparato bélico, mas inofensivo no próprio deslumbramento, pois nunca sequer disparou um tiro. Não há, por essas linhas, qualquer possibilidade de vê-lo com traços de uma personalidade para além daquela de um cidadão qualquer, com suas especificidades emocionais que não colocam nada

nem ninguém em risco. Mas é justamente nesta normalidade de artur paz semedo – que leva ao paralelo com Eichmann – onde reside a tensão das reflexões sobre a ética: “O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais.” (ARENDDT, 1999, p. 299). Não se trata, como destaca Arendt (1999, p. 311), de entender a atitude de “completa irreflexão” que levou Eichmann a ser considerado um dos maiores criminosos como algo “‘banal’ e até engraçado”, nem mesmo, por não se poder extrair dele qualquer “profundidade diabólica ou demoníaca”, é possível chamar isso de “lugar-comum”. A temível lição da *banalidade do mal*, afirma Arendt, está justamente no que ela “desafia as palavras e o pensamento” (1999, p. 274).

A discussão teórico-ética em torno do processo de Eichmann permaneceu, desde a década de 1970, a duas vias, numa oposição abstrata, como explica Gros:

[...] ou você faz de Eichmann um monstro de antissemitismo, esquecendo de pôr em causa a modernidade gestora e nossas próprias covardias, porque Eichmann é rejeitado para uma exterioridade maléfica; ou faz o processo da monstruosidade da modernidade técnica, ao risco de torná-lo uma peça “inocente” do sistema. (GROS, 2018, p. 118).

O que ainda faz com que a reflexão ética contemporânea continue a enfrentar o processo de Eichmann, não é senão o fato de que as questões éticas que dali emergem colocam em “movimento a dialética vertiginosa da responsabilidade e da obediência” (GROS, 2018, p. 115). Daí porque, na sua pesquisa acerca da desobediência, o filósofo francês se coloque a pensar uma terceira via: um *retorno*, tanto às declarações de Eichmann durante o processo, quanto ao texto de Arendt para uma explicação acerca do que quis ela dizer com a expressão “banalidade do mal” (GROS, 2018).

São, pois, nas primeiras declarações de Eichmann durante o processo que podemos lembrar de artur paz semedo, uma vez que se referem ao cumprimento de ordens como a realização de um dever, o que, por isso só, não motiva à punição. artur paz semedo era também um funcionário que cumpria as ordens daqueles que lhe eram superiores na relação de trabalho. Mas a problemática destacada por Gros (2018) está em que “nunca se ouve Eichmann dizer: ‘Vocês não podem me punir, não sou responsável pelo genocídio dos judeus, porque não fiz mais do que obedecer, eu era apenas um fantoche submisso, articulado por outrem’[...]” (2018, p. 120). Em suas declarações, o que Eichmann faz, conforme destaca Gros, é reivindicar “a *moralidade* de sua obediência, apoia-se numa responsabilidade de pura lealdade. Não se desresponsabiliza: admite e até reclama sua responsabilidade, [...]” (GROS, 2018, p. 120-121).

É justamente “nessa lealdade cega, com falsos ares solenes, nessa atroz dignidade reivindicada” (GROS, 2018, p. 121) que se encontra o que Arendt identifica como uma *completa irreflexão* de Eichmann: “Ela vê um ser insignificante, fraco, jactancioso, sem envergadura, insípido. Mas essa mediocridade nunca o desresponsabiliza.” (GROS, 2018, p. 121). Para Gros (2018, p. 122), o que Arendt evidencia em seu relato é a “burrice” de Eichmann, no sentido de um pensamento vazio, “por clichês, por generalidades”, a incapacidade de formular um

pensamento, uma opinião, aderindo apenas às ideias prontas, a uma fala automática. Arendt “não estigmatiza nem a falta de espírito nem a limitação de inteligência, e sim a ausência de juízo.” (GROS, 2018, p. 122). O que não desresponsabiliza Eichmann porque, a considerar a idade, mostra-se em condições de ser “responsável pela própria burrice”. (GROS, 2018, p. 122). A burrice, nesse sentido, é o exato “momento da perversão ética, da desresponsabilização. [...] uma burrice ativa, deliberada, consciente. Essa capacidade de tornar a si próprio cego e burro, essa teimosia em *não querer saber*, é isso a ‘banalidade do mal’”. (GROS, 2018, p. 129).

Voltemos, então, ao romance. Após assistir o filme *L’Espoir*, de André Malraux, cujo interesse deveu-se por ter lido no jornal se tratar de um filme de guerra, artur paz semedo também adquiriu o livro e se inquietou com a passagem em que se narra uma breve saudação aos operários fuzilados em Milão por terem sabotado obuses:

[...] percebeu em si um rápido lampejo de comiseração pela sorte dos pobres diabos, mas que imediatamente deu passagem a uma frase impiedosa que teve o escrúpulo de pronunciar em voz alta para que constasse, Não se podem queixar, tiveram o que procuravam, quem semeia ventos colhe furacões, isto foi o que ele disse. (SARAMAGO, 2014, p. 17).

A automaticidade da fala composta por uma dessas que são frases-prontas, de expressão corriqueira, se mostra suficiente àquele que não quer formular o pensamento: a definição da “burrice”, a “completa irreflexão” que constroem a *banalidade do mal*. Um rápido sentimento a lhe conferir humanidade, contudo, foi o primeiro a se revelar na personagem, e aqui se pode destacar *a mão que escreve*⁵: a do escritor que tinha como prioridade absoluta o ser humano e a humanização da vida, a esperança na humanidade. Toma, então, artur, a decisão de telefonar para felícia a lhe falar do filme e da leitura do livro, ainda que não tenha prosseguido com esta. O assunto faz com que ela lhe conte de um caso semelhante de sabotagem também acontecido durante a guerra espanhola, ao que reage artur invocando o sentido de responsabilidade que deveriam ter os funcionários das fábricas de armas:

[...] Ao contrário do que parece pensar, não reclamo fuzilamento para os culpados de crimes como esse, mas apelo para o sentido de responsabilidade das pessoas que trabalham nas fábricas de armas, aqui ou em qualquer outro lugar, disse artur paz semedo, Sim, o mesmo tipo de responsabilidade que fez com que nunca tivesse havido uma greve nessas fábricas, Como sabes, Teria sido notícia mundial, teria entrado na história, Não se pode discutir contigo, Pode, é o que temos estado a fazer, Devo desligar, Antes, ainda te dou uma sugestão para as horas vagas, Não tenho horas vagas, Pobre de ti, mouro de trabalho, Que sugestão é essa, Que investigues nos arquivos da empresa se nos anos da guerra civil de espanha, entre trinta e seis e trinta e nove, foram vendidos por produções belona s.a. armamentos aos fascistas, E que ganharia eu com isso, Nada, mas aprenderias mais alguma coisa do teu trabalho e da vida, [...]. (SARAMAGO, 2014, p. 21-22).

5 Referência ao ensaio de Teresa Cristina Cerdeira, no qual se lê: “a mão que escreve [...] não elide o corpo que está por trás do texto.” (2014, p. 16). Releio-a acrescentando ao corpo a sua humanidade, como expressão da existência ética, e que se imprime, toda ela, no texto.

A responsabilidade de que fala artur, ironizada em seguida por felícia, mas que por esta ironia não deixa dúvidas, trata-se daquela “responsabilidade de pura lealdade” (GROS, 2018), a obediência cega. Para instigar artur ao pensamento, felícia sugere que ele investigue os arquivos da fábrica e, em resposta à pronta pergunta de artur ao não ver motivo lucrativo para empreender a tarefa sugerida, ela se torna a voz da preocupação com uma existência ética. Aprender algo mais sobre o seu trabalho e sobre a sua vida seria uma via de levar artur à possibilidade do pensamento reflexivo, e de viver o contrário de Eichmann, que escolheu a “burrice, porque preferiu não pensar, não saber, não ver” (GROS, 2018, p. 123).

Sair da banalidade do mal, de acordo com Tiburi (2014), configura-se em fazer uma opção: a do pensamento reflexivo, e em sendo o pensar reflexivamente em si mesmo um ato ético, trata-se, então, de fazer a opção ética e responsável. Mas a ética, destaca a filósofa, acontece “na qualidade das relações que estabelecemos com o que há neste mundo e, sobretudo, uns com os outros” (2014, p. 17). Por isso, o pensar é ainda “pensar no outro, com o outro, é ir além de si” (2014, p. 26). Assim também propõe Umberto Eco, ao afirmar que a dimensão ética diz com as relações interpessoais e tem em sua base o respeito ao “direito da corporalidade do outro, entre os quais o direito de falar e de pensar.” (2010, p. 94-95).

A necessidade certa vez declarada por Saramago (2010 [1998]) de uma *insurreição ética* frente ao total desprezo pela dignidade humana, haveria de passar por uma forma diferente de entender as relações humanas e que tivesse como centro o respeito ao outro: “a ideia do respeito ao outro como parte da própria consciência poderia mudar algo no mundo.” (SARAMAGO, 2010 [2000], p. 114). Se entendemos, como afirma Antoine Compagnon, que a literatura, “como exercício de pensamento” (2010, p. 66) é capaz de nos oferecer “uma formação de si mesmo e o caminho em direção ao outro” (2010, p. 69), então podemos pensar que ela nos oferece um sentido ético da existência. O escritor, contudo, como bem observa Todorov (2016, p. 78), “não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo.”. Esta atividade do pensamento reflexivo, a mesma que, de forma incontornável, descreveu Roland Barthes, indagando seu leitor: “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça?*” (2012, p. 26, grifos no original).

Em seu último romance, Saramago nos colocou frente à complexidade ética da existência a partir da experiência singular de seus personagens, tão semelhantes a nós no que a vida humana tem de comum – em comunidade – a tornar ainda mais possível a experimentação da alteridade entre o leitor e a personagem. Incutiu-nos pensar no que andamos a fazer neste mundo, individualmente, mas que de forma inevitável afeta a coletividade que somos e vivemos. Um modesto funcionário, exemplar no exercício de sua função, obediente ao trabalho que exerce, mas absorto no cumprimento de seu dever, nunca se pergunta sobre a finalidade do que faz – que

é a morte de outros. Inacabado, o escritor deixou-nos, não apenas a inquietação de sabermos como a história de artur paz semedo e da pacifista felícia continuaria, mas o desassossego de pensarmos sobre a nossa responsabilidade, fundamentalmente ética, a não ignorar o mundo.

Referências

AGUILERA, Fernando Gómez. Ética. In.: SARAMAGO, José; AGUILERA, Fernando Gómez (Org.). **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 109-110.

AGUILERA, Fernando Gómez. Um livro inconcluso, uma vontade consistente. Trad. Eduardo Brandão. In.: SARAMAGO, José. **Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas**: com textos de Fernando Gómez Aguilera, Luiz Eduardo Soares, Roberto Saviano. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 63-78.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

CERDEIRA, Teresa Cristina. A mão que escreve. In.: _____ (Org.) *A mão que escreve: ensaios de literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. p. 11-17.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Trad. Laura Tradei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Trad. Eliana Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Trad. Célia Euvado. São Paulo: Ubu Editora, 2018. (Coleção Exit).

KIFFER, Ana. O ódio e o desafio da relação: escritas dos corpos e afecções políticas. In.: _____; GIORGI, Gabriel. **Ódios políticos e política do ódio**: lutas, gestos e escritas do presente. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. (Coleção Por que política?; v. 5). p. 35-78.

SARAMAGO, José. Las palabras ocultan la incapacidad de sentir. *ABC (Suplemento ABC Literário)*. Madri, 9 de agosto de 1996 [Entrevista a Juan Manuel de Prada]. In.: _____; AGUILERA, Fernando Gómez (Org.). **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 113.

SARAMAGO, José. “El hombre se ha transformado en un monstruo de egoísmo y ambición”. **El Cronista**, Buenos Aires, 11 de setembro de 1998. [Entrevista a Osvaldo Quiroga]. In.: _____; AGUILERA, Fernando Gómez (Org.). **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 113.

SARAMAGO, José. “Antes el burócrata típico era un pobre diablo, hoy registra todo”. **La Nación**, Buenos Aires, 13 de dezembro de 2000 [Entrevista a Susana Reinoso]. In.: _____; AGUILERA, Fernando Gómez (Org.). *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 114.

SARAMAGO, José. **Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas**: com textos de Fernando Gómez Aguilera, Luiz Eduardo Soares, Roberto Saviano. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SARAMAGO, José. **Último caderno de Lanzarote**: o diário do ano do Nobel. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?**. Trad. Carlos Felipe Moisés. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. (Coleção Textos Filosóficos).

SOARES, Luiz Eduardo. A violência segundo Saramago. In.: SARAMAGO, José. **Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas**: com textos de Fernando Gómez Aguilera, Luiz Eduardo Soares, Roberto Saviano. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 79-89.

TIBURI, Marcia. **Filosofia prática**: ética, vida cotidiana, vida virtual. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 6. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2016.